

323

73

521

N'cata d'um memorado

Comedia em 1 Acto.

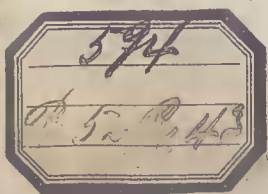
Imitação

Instituto Politécnico de Lisboa

Francisco Serra

Escola Superior de Teatro e Cinema

1861.



Nota d'um namorado.

Comedia em 1 Acto.

III

Personagens.

Pollex Ernesto de Barreto — Morgado.

Coron Nicolau — Feitor.

Laborda Fernando — Rendeiro.

Alcides Andre' — Jardineiro.

Coral Ernestina d'Avilez

Paulina C. Marianna.

Senhoras e Homens.

A scena passa-se nos arredores de Cintra.
Actualidade.

9

1
Arvoredo d'um jardim, deitando p.^a a quinta. — Mirante
a D. — Banho de pedra; — vasos de flores, S. S. S.

Marcos
Nicotau e Andre.

1. Nicotau.

Faze o q.^d te digo, e da' ao demonio o q.^d sabes. O
Sur. barão e' o dono da casa, e quer q.^d se faça o
q.^d a merinha mandar; intender-me?

2. Andre.

Salta-me Deo, eu não vou fóra d'isso; mas tirar
os caixotes do agazalha da estufa, p.^a os deixar ahi
fora ao relento, la' isso e' q.^d na ten geto, por
maí q.^d me digam.

Nicotau.

E q.^d te importa?

Andre.

Foi aquilo na meto mêmo do, tratar as plantas
assim como qualquer erva ruim, só por q.^d a eses
manatar lembrou agora fazer da estufa casa de baltharico.

Nicotau.

Calla o bico, pedras d'asus, q.^d não dizes senão tolices
e bobagens. Para q.^d estás servindo aqui, dize la',
meu pater noster?

Andre.

Sírvos, por q.^o me pagam.

Nicolau.

Pois faze já' o q.^o te digo, ou senão, correte d'aqui' a portapés.

Andre. Sobe

Ei' vou, Sur. Nicolau, já' q.^o por este modo me obriga, mas não q.^o me deixa de fazer cá' a sua arreliã.... a gente sempre tem amor ao q.^o faz.

2. Nicolau.

Pois desfaz, q.^o outra vez tornarás a fazer.

1. Andre.

Mas Sor Nicolau....

Nicolau.

Mh' terror ainda reflexões....

Escola Superior de Teatro e Cinema

Andre.

~~Eu vou, Sur. Nicolau~~ / Com medo / E' q.^o as Nozas do Japão... as tulipas.... estamos no Míz de Setembro, e o inverno está a' porta.

Nicolau.

Pue lh' importa a' merina o inverno? Não vês q.^o está cheia de moicidade, e q.^o me não lembra q.^o a primavera passa? Anda lá' meu rapaz, vae fazer o q.^o te digo e mette a viola no sacco.

Andre.

Ei' vou, Sur. Nicolau, eu vou... Sae, mordendo

a aba do chapéo e cocando a orelha / Escado e
Nicotau.

Estas não se mette na cabeça d'este mono, zelar
os interesses da caza?... Eu cá, se tenho ajuntado
algum vintem, e usando de muita economia corrigo,
sendo prodigo em tudo q. e' do patrão. Se elle diz:
gaste-te como dez, - fazem-se as diligencias de gastar
como vinte. / Quando Fernando, g. entra. / O'le! o
rendeiro do Var. barão!

Acto 2.
Nicotau e Fernando, e B

1 Fernando.
Salve-o D. a vuncê.

2 Nicotau.

Seus do mercado de S. Pedro, fez-se por lá negocio?

Fernando.

Aprim, aprim; as bestas, são Nicotau, esta caras q.
ten diablo... Apim mêmo, inda merque um
~~porco chito de gado~~, ~~há~~ animais são troux eu,
~~não me~~ ~~me~~ ~~embarra~~ ~~em~~ ~~já~~. Sempre compro
jumento, sê fêtor, q. aquillo na e' burro,
homem, e' um macho, com perdo de vuncê.

Nicolau.

Seus bom olho, maganão.....

Fernando.

Foi enta uma junta de boi... E um cabrito,
Sr Nicolau, q.^o lindo bruto q.^o si ja' me davam
seus boi de ganto e na o dê..

Nicolau.

Por estes sitios não conheço velhaco mais esperto
e mais feliz.

Fernando.

Ora....

Nicolau.

Sim feliz... estás novo, saudavel, rico.... sim, rico,
tu eras filho unico, e segundo se diz, teu pae q.^o
morreu, deixou-te uma continha callada....

Fernando.

Sim, é na digo q.^o elle me dexasse provesito, q.^o ta'
ipa era ser desagradecido a D.^s... foi pouco, mas
sempre é melhor q.^o nada, e eu ca' sempre vou
vivendo como diz o outro, corru n'osso sur. quer e é louvado!

Nicolau.

Por q.^o te não casar tu?

Fernando.

Rindo / Ah! ah! ah! Eu casar havia de ser bonito....
Olhe, ta' nepa na cae o filho de me pae.... antes só
q.^o mal acompanhado. As mulheres esta sahido
rains como a pelle de diablos.... Ellas ben te da

o gêto, mas é cá' e' g.^o le colto a phisiolomia do rosto
com mêdo de tentacões, g.^o ellas ten mêmo artes de
demo... e eu nen sempre trago cruz e agua benta.

Nicolau.

Tarece g.^o já' forte escaldado.

Fernando.

Nada, mas vêjo as brabas do resinho a ardem. Sa
me fiu d'ellas, g.^o estas raparigas cá' de fôira, sa
corro a praga de Egipito das ortigas; em a gente se
chegando a ellas, por força s'ha-de picar.

Nicolau

Ha' exemplos Fernando, eu correu muitas de g.^m
a gente se pode faz.

Fernando.

Vence tanmen d'essa idade, ainda... se' maga,
nao... Dando he' uma palma no lombro.
Fori é cá' tenho aquelle de me na importar
com nenhum. Quem dá o cavalo por min,
g.^o dêem, e' de demoiros, g.^o estaban, dêem-as.
Affim há' p'ro diante, tenho por onde escolher e
nenhuma gabará-se de mêto embuado, e' tal e qual!

Nicolau.

Pensas com prudencia.

Fernando.

Inda honte, a Marianna estive p'r'ahi' a pregar
comigo: - Vence se na ten a palavra dada, esta

a tempo d'escollar.

Nicolau.

Qual Marianna, a filha do antigo jardineiro,
de q.^o Sur. barão tornou conta;

Fernando.

E' como diz.

Nicolau.

Mãe e' ella q.^m te aconselha....

Fernando.

Nada, isto e' ca' cando a tope agito e pegamos adas
a' lingua. A m.^a tia Ambrozia, era madrinha
d'ella do baptismo, e a pequena tem-me apim
seu fatacay. Olhe q.^o alli onde esta' ten mae lume
no olho, a dormir, q.^o noi ambos e dois acordados!

Na falle e' oella sema um poucacho, e logo me
troux uma alembança... q.^o idea Sor Nicolau...
nem vance sendo feto, seria capaz de m'a dar apim.

Nicolau.

Fallou-te de casamento, aposto?

Fernando.

Cal historia! foi uma alembança q.^o se pega...
na le conto nacla... fazem-me por hi
regedor ou juizo inteto. Por isso e' q.^o eu me vesti
todo aceado e vim por hi fora. Esta por ca' m.^a gente?

Nicolau.

Fazer la' idea! Sao manadas de Sa, os proprietarios

rios vizinhos, os filhos dos lavradores mais ricos...
 São todos os pretendentes a' mão da menina, q.^a há
 trez mezes se multiplicam consideravelmente, e as irmãs,
 as sobrinhas ~~e~~ e as primas de toda esta gente
 é' uma Babilônia, e' o diabo a quatro!

Fernando.

É a menina Ernestina, já' tem Metro d'olho?

Nicolau.

Ainda não, por q.^a pensa como tu; quer escolher an-
 tes d'ajustar o casamento, por q.^a diz, se o namora-
 do não presta q.^a se manda propejar; mas q.^a o
 marido, não ha' remédio senão ficar com elle.

Fernando.

Diálho e' ella! espere lá, eu amodo q.^a já' ouvi allumi-
ar q.^a de todos effes q.^a le andam a' Noa, havia um a
 quem ella tinha maí affectação q.^a os oítros.

Nicolau.

Bem sei, e' o Sur. Ernesto de Barreto, filho d'um
 velho e honrado amigo do Sur. barão; e' um moço de
 muito boas maneiras, e q.^a tem de seu.

Fernando.

Por tal signal e' dono d'uma vinha q.^a pegá' lá' com
 a m.^a fazenda, segundo me contou a Marianna.

Nicolau.

Ha de ser... O q.^a eu divido e' q.^a se já' elle q.^a te-
 nha a preferencia.

Fernando.

Enta se o homme ten colidades boas, por q' ha de
ella mandal-o apanttar p's de burro, com perda de
vuncê?

Nicolau.

q' o rapaz tem contra si ideas rancosas, como diz
a menina, e maluco; quer q' as mulheres sejam sub-
missas aos maridos, condescendentes em tudo, e sem
voz activa p' coisa nenhuma.

Fernando.

Pois como e o se' gêto? Enta o marido e p' r'atir
algum painel de pálha?

Nicolau.

Em os genios senao combinando, ad: m: viciada; o
Sub. Cruento presta-se pouco as phantazias da me-
uina, q' ^{sempre} ~~sempre~~ lhe prega as vezes cada sotaque!

Fernando.

Pois ella ja' s' arruma?

Nicolau.

Não, isto quer dizer uma resposta torta.

Fernando.

Intendo, e' como q' ^m vai a' do cabo. Quando isto e' agora,
sem sendo casada cortate as orelhas, ou para le o nariz.
Ora casem-se la... o casamento, ser Nicolau o casamento,
digo-le eu, o casamento e' a disgracia do homme.

Nicolau.

Queres tu saber o q.^o O Sur.^o Ernesto fez um dia d'estes ao voltar da caça? Estavam todos reunidos no terraco, e a menina acabava de ter um arrufo por cauza dos seus caprichos. O Sur.^o Ernesto, vendo n'este momento o seu perdogueiro a sapatear n'um dos allegretes, chamou-o, e como o ~~o~~ animal não veio logo... pum! ferra-me um tiro!

Fernando.

Que alma damnada! matou o cão?

Nicolau.

Crivou-o so' d'alguns bagos de chumbo.

Fernando.

Ca' na m.^a aprimação o homem tem mãos segadas!

Nicolau.

A menina não lhe deu pallavia, e esteve todo o dia pensativa, fora do seu costume.

Fernando.

Todêra! se o alavre do homem estando ella inda em caça do pai le arruma um tiro d'es-
pingarda por cauza d'arrelia, em caçando, se
se poem com zangacões, ferra-me um tiro
de peca! Diabo é' q.^o eu na fico muito est-
feito se ella escolhe outro.

Nicolau.

Bravo! q.^o empunho!

Fernando.

Eu cá' se' a orde q' tento. Quero pedir-lhe q' me afore a vintá q' pega lá' com a m.^a fazenda, q' me faz o meu arranjo rito.... vera' q' en eu a tendo cá' amantada a m.^a gito, se na faço abn' morder d' inveja e' aos de cá' do arredor.

Nicolau.

Ambição!

Fernando.

Olhe, aquele Vance cá' o prove q' na ha de perder o tempo... ben sabe q' eu na sou horre de faltar a' palavra honrada.

Nicolau.

Não falletes tão alto.... se eu te poder ajudar não é' lá' por isto... Sei q' ei' bom rapaz e....

Marianna.

Dentro / Vnt. Nicolau? O' Sur. Nicolau?

Nicolau.

Calluda, q' ali' vem Marianna.

Scena 3.^a

Q. Mesm. e Marianna, trazendo no
braço um cabazinho de flores. / Escada 2.

Marianna.

Sur. Nicolau, o' Sur. Nicolau?

Nicolau.

Qu' me queres, rapariga?

Marianna.

Senha d'ali' depressa; ha' quasi' uma hora q' o pro-
prio p' me dizer... Vendo Fernando. Ole'!
Fernando, por aqui' ! 2

1 Fernando.

Salve-a D., Marianna.

3 Nicolau.

Para me dizer, o q', rapariga?

Marianna.

Olhando p' Fernando. Sim, p' me dizer... En-
tao como vai isto, Fernando, q' e' q' tem feito?

Nicolau.

Impaciente. Fazer favor de me dizer, p' q'?

Marianna.

Olhando sempre p' Fern. Entao, nao me ia esquecer-
do?... se eu vinha com tanta pressa! A Fern.
Bravo! corre vem logo!

Nicolau.

Vae p' o inferno com as tuas exclamacoes, desas-
trada! Nem se quer tens geito p' dar um rec-
cado em termos! Naturalmente ha de ser
por cauza do almorco.

Marianna,

Ipo, ipo, e' ipso mesmo; esta' almoçando, e falta
nao sei'o g.^o

Nicolau.

Ha de ser o vintio, por q.^o eu e' g.^o tenho a chance
d'adegar. / Baixo a Ferni. Logo g.^o se levantem
da meza, farei com q.^o possa fallar ao Sr. Morgado.

(sae) Corado

Scena 4.^a
Fernando e Marianna.

Marianna.

E' um malcreado, este homem! Julga por ser
feitor q.^o tem o Rei na barriga! Desastrada! Ah!
esta' como elle, e como quasi todos me tractam!

/ Olhando p.^a Ferni. g.^o se tem cõdo sentar. / Menos

Fernando, esse nao me diz coisas q.^o offendam...

Verde seja tambem, q.^o nunca me da' palavra.

/ Olhando-o com attenção. / Em q.^o estara' elle pensa-

do? Se fope n'uma coisa q.^o eu ca' sei'... mas

nao e' capaz de pensar, nao! / Atto, a proximando-se

um pouco d'elle. / Fernando?

Fernando.

/ Com indifferença. / Ah! e' Vence menina Mari-

anna... estava ainda aqui?

3

Marianna.

Nem se quer fez reparo em mim! sempre sou m^{to}
infeliz! /Alto./ Está triste, Fernando? /Chegando-se mais/
Que tem, q^d está p^o ali a seismar?

Fernando.

Estava-me a lembrar da tia Michaela, almocê lá hoje.

Marianna.

/Sussurrando:/ Vale a pena d'estar pensando n'isso, vale.

Fernando.

Não? Faca rancê de conta, q^d era uma malta de
doze, e todos a buzinaren-me os ouvidos: "Por q^d é
na^o caçar? Podias pôr um b^o m^o e metter
inveja aos mais gabanistas ca' dos arredores." Nada,
gritava um lá do canto. Aquillo é castanho.
Caçar, dizia outro: se elle é um sovina, capaz de
viver toda a vida ap^om, sen ter quen le engomme
uma camisa, so' p^o na^o repartir as sop^oias com
uma prove rapariga a quem pod^o fazer feliz.

Marianna.

É bem feito q^d ap^om o envergouhem, por q^d já ha' m^{to}
tempo q^d eu lhe aconselho outro modo de viver. Seja
o estado d'essa camisa, toda cheia de pregas, q^d parece
andou feita uma bolha; veja esse lenço do p^ouro q^d
parece uma rodilha. /Indo a elle e fazendo-lhe o laço/
De tivesse q^m eu d^oasse ap^om da sua roupa e da sua
pupôa, q^m lhe fizesse o laço tão bem feito...

Fernando.

Ca' a m.^a idéa e' epa, e logo g.^o afora a vintia do Sor Ernesto, trato d' escotter mukher... faze am-
bor e doi' contractos as mêmu tempo, esta' dito,
o g.^o ha de ser, seja.

Marianna.

Um.^a preciza lá' agora d' estar a espera d' isto...

Fernando.

Nada, é cá' sou apim; quero ter a aguetta de dizer
a' moça g.^o escotter - Aqui tem vance um rapazota
de 25 anos e mêis livre do reurtutamento,
um sa como um pero. Uma bôa por sangrenta de
terra, com vintu, outra por amantiar, o seu praco
chito de chatto, caza posta, porquito e criado no
patêo, e se vintu ao canto do bahu pi a o g.^o der
e vier. Isto e' paô, paô, quêjo, quêjo. Eu ca' na
genero, e o g.^o digo uma vêz na volta atraz. Demais,
Vance e' g.^o me metten ca' na idéa da cabeça, g.^o
afora se a vintu do Sor Ernesto me afora se a vintu,
g.^o era uma pechincha bem bôa, isto era.

Marianna.

Mar g.^o tem isto pi ir tratando da escotcha? Oh
g.^o as raparigas vão se cazando, e depois...

Fernando.

Depois, o g.^o?

Marianna

Fica a olhar ao signal. / Canta /

Não pode empregar a um tempo
O dinheiro e o coração,

Por q.^a as moças d'estes sitios

Deprepa cazando vão.

Ficara' então solteiro,

Tendo n'alma a esperanza morta,

Có a fortuna dentro em casa,

E a ventura ao pé da porta.

Fernando,

N'isso caze' q.^a tem vancê razão... Na ~~terra~~ ser a
gente prove e vê e felice em caza do vizinho...
De'alho, o peior e' q.^a as raparigas aqui na esperam...
Eu já na conto sema onze... Cinema

Marianna

Isso lá' ainda há' mais algumas... procurando bem...

Fernando,

Um... Já' tenho prescorado e a conta na vae a riba.
Olhe, vancê q.^a eu conheço de brincar-mor cando era-
mos apim do tamantio de dois paulitos de jogar a' bola,
e' q.^a me podia dizer cal e' a q.^a me faz arranjar.

Marianna,

Ara, eu sei' lá'... apim do pé p' a mão... isto e'
precizo pensar... Um... e' um rapaz perfeito, tem
de ser, ha-de querer apim uma rapariga q.^a não seja
feia...

Fernando.

Esta visto, lá' p.^a sustentar um deuoir de má' venta...

Marianna.

Percebo, uma rapariguinha de bom genio, q.^{ta} não faz zangar, por q.^{ta} Vm.^a, q.^{ta} parece um barrêgo, em the dan do a zoina....

Fernando.

Olhe, diga antes um cordêo.

Marianna.

Tudo e' um animal manso, como eu queria dizer. No fim de contar, uma rapariguinha q.^{ta} the tenta o seu bocado de estumacão....

Fernando.

Está ben de ver... e q.^{ta} na menbaes.

Marianna.

E q.^{ta} não deixa embacar tambem, por q.^{ta} Vm.^a e' apim um tanto banazota....

Fernando.

Isto e' a primiera vista.... mas olhe q.^{ta} são manhozo como aquelles q.^{ta} são.... E' verda! q.^{ta} tal le parece a Vitorina, na e' uma moça de truz?

Marianna.

Foi aha a bonita?

Fernando.

Bonita... lá' m.^{to} bonita....

Marianna.

Ela ca' não ahu, e' magra como um caniffo, secca

9
como um bacalhau; e qd. falla, ergam-se e deita per-
digotos p.^a a cara da gente.

Fernando.

Sim, tammen ca' na m.^a opemias na me parece q.^e
seja melhor q.^e a jaguina galleota.

Marianna.

Ahi' tem uma de q.^e eu não desgosto.

Fernando.

E e' de rezas; em todas as Erpuas do Reino de Lx
em Portugal, na ha' mora como aquelle.

Marianna.

So' me acho uma coisa ma'; e' m.^{to} presumida.

Fernando.

Quen, a jaguina galleota ?!

Escola Superior Marianna Cinema

81
E' presumida, sim, Sur.; eu não queria senao q.^e Vm
reparasse lun n' ella aos domingos e dias santos. Ja ven-
te saiu baltas, a' moda das fidalgas da cidade... e
da' cada volta e reviravolta p.^a me verem a sua de
renda... Entao nos bailaricos ?! Ainda sempre a
tocar do par q.^e e' mesmo um louvar a D. !

Fernando.

Ah! ella deu n' ipo... pois ja a' na guerra, ainda
ter q.^e fohe doirada como os anjos da capella
Mor da freguezia. Ahi esta q.^e esse defeto,
ja na o ten a Bernardina.

Marianna.

Ela, sim, e' n.^{ma} uma pápa-aforada. Tambem nao admira, coitada, tem um temör n'um joelho do tamanho d'uma batata, e e' por isso q. nao dança.

Fernando.

Pois olhe q. cando esta' sentada na parede! Ah! ja' me cá esquecendo... a Silvana... Aquillo e' q. e' gorduchinha, hein?

Marianna.

Uma linguazinha de prata, e' o q. e'.

Fernando.

E a Justina?

Marianna.

Ora a Justina! Ela podia ser mãe de m.^o, até avó de seus filhos!

Fernando.

E a Joanna do Monte?

Marianna.

Nao sabe q. vai caçar com o João Luiz?

Fernando.

Quando a orçella / E' verdade! O cazo e' q. na malembra ja' vem meia!

Marianna.

Depois / E eu aonde fico? Esta' cego, ~~sem~~ ^{mão} tem q. ver!

Fernando.

Pois a na. ser q. eu quera caçar coas velhas... Que animal! q. alarve q. eu sou, sem me lembrar...

Marianna.

Com alegria / Agora, agora trio finalm^{te} os outros.
Fernando.

Pito não haver por hi' mais nenhuma... Canta

Como hoje ha' sêra em San Pedro
Mi' na falta q' vêr.

Marianna.

Mas o q' tem o mercado
Co'a escotcha q' ha-de fazer?

Fernando.

Espero dos arredores

As moças q' la' van dar,
E topando-as no caminho,
Hê-de um coração roubar.

Marianna.

Se antes d'isso longe d'ellas
Q' não deixarem ficar.

Fernando.

Tammen na le ponto duvedo, en toda a parte ha' ho-
mes q' querem ben as moças, ~~e tanto q' e' um p^a cada~~
~~duzeca d'ellas~~ Quando p^a a D. / Ja' se ergueram
da meza, andam todos no jardim. Vou n'um pulo
ter com o setor, p^a vêr se apianho lêo de faltar ao sô
morgado. Inte logo, menina Marianna. Soltam
do a traz / Se arranjo isto do fôro, na le conto nada.
Dou-le o vestido d'ir a Igreja cando estiver p^a se
cagar. Sae / Escad^{ra} D.

Scena 5^a

Marianna (10)

Marianna.

Seguindo-o com a vista. Que tal está esta?!...
Lembrou-se de todas e ao' me não metteu a mim
na conta! Não seerei eu gente? Seguindo os olhos
com a ponta do avental. E ainda me vem pedir
conselhos, a mim, q' morro por elle ha' tanto tempo,
q' lhe tenho amizade, q' lhe tenho amor mesmo ca'do
fundo das raizes do coração! E ~~os~~ outros... são todos
aprius. Ninguém faz caso da infeliz Marianna, nin-
guem a quer, ~~ninguém se lembra d'ella~~, e todos a
têm na conta d'uma boa rapariga! Mando p.^a
a D. Jesus! ei-la ali, e eu q' ainda não arranjei
as flores, de q' a menina me f'allou! Se eu já
não sei por onde tenho a cabeça!
Pega no cabazinho e entra p.^a o Mirante.

Scena 6^a

Ernestina, Ernesto Convidados d'ambos

os sexos. — Marianna no Mirante. Escada.

N.º 3 Coro geral.

11
Dos fins d'este lindo outono,
Os dias vamos gozar,
Foi o vento sybillando
Ja' vem o inverno lembrar.
Mim nos aproveitando
Da moidade o calor,
Nos foge o tempo a' ventura,
Que o prazer e' voador
E poucos instantes dura.

Depois do co'o, os homens vão conduzindo as Sur.^{as}
aos bancos e cadeiras q. estão em scena.

Ernestina.

Então, q. decidem? Que havemos de fazer esta manhã?

Ernesto.

Acho melhor ir primeiro buscar os chaíes e as sorbetrinhas.

Mãe Sr.^a

Perto d'Ernestina. Tinha-se corrido hontem á
noite um passeio a cavallo, q. te parece?

Ernestina.

Deus me livre, não correu nada mais enfiado!

Ernesto.

Sorrindo. Com tudo, foi V.^o e a V.^o q. fallou n'isso.

Ernestina.

Com indifferença. Não duvido, mas o papá está hoje
muito mal do seu rheumatismo, de certo não sae de
caga, e eu não me devo affastar p.^a m.^{to} longe d'elle.

Todos.

Appoiado, Appoiado!

Um homem.

Vamos então ao Castello dos Moirões, querem?

Ernestina.

Faz tanto calor!

Outro homem.

Então, vamos aqui mais perto, a' mina d'agua.

Todos.

Bravo! Bravo! vamos a' mina!

Ernestina.

Aho m^{to} humido esse logar; no entanto, m^{as} amigas, farei o q^o quizerem p^a q^o não deixem de se divertir.

Ernesto.

Comdissania. Não sei q^o divertimento haja em passear no campo, aonde se não encontra senão caminhos escabrosos e falta de variedade.

Ernestina.

Está visto! Eu já me admirava! em se combinando alguma coisa, e contar logo com a opposição do Sur.

Ernesto de Barreto.

Ernesto.

Minha Sur^a, eu...

Ernestina.

E' insupportavel, não conheço espirito mais contraditório. Não há muito ainda, recebendo o papa a

participação do casamento de meu primo Alexandre, com uma rapariga d'inferior qualidade, indignando-me eu contra tão ridiculo matrimonio, o Sr. Ernesto, só com o unico fim de me contradizer, tornou a parte de meu primo, e teve a constancia herosica de sustentar q' ninguém e' Sr. dos impulsos do seu coração, principalmente q'd a pessoa por q'm elle estremece se torna digna d'estima.

Ernesto.

Permitta-me Sr.^a q' diga...

Todos.

Não negue, e' verdade, e' Marian: sae do Mirante e fica ao fundo.

Ernesto.

Seio mil perdoes, mas o q' disse, e' q' entre duas pessoas q' se estimam, não havia casamento desigual, sendo p.^a mim sempre digno de louvor, um homem q' não sacrifica a felicidade inteira da sua vida, a um preconceito absurdo. Foi isto só q' avancei, e se Sr.^a me tivesse deixado acabar...

Ernestina, levantando-se

Impaciente. Pelo amor de D.^s, não diga mais nada, não continue. E' insupportavel, não ha meio de poder discutir com semelhante adversario.

A' Sr.^{as} O amor. Da alguns papeis e vê Marianna a limpar os olhos. Então q' e' isto, q' tens?

1 Os homens.

Bonita rapariga!

2 Ernestina.

Que é' q' tens q' te mortifica? Dize.

3 Marianna.

/Limpando os olhos./ Não faço caso, m.^a Ser.^a chorava...

Ernestina.

Por q'?

1 Ernesto.

O motivo por q' uma rapariga solteira chora, parece-me não ser difficil d'adivinhar.

2 Ernestina.

Se a culpa é' quasi sempre dos homens... /p. Marianna/
Já sei por q' choras... são ciúmes do teu namorado;
adivintei?

3 Marianna.

/Chorando mais forte./ Ipo era bem bom q' assim fosse, mas infelizmente...

Ernestina.

Infelizm.^{te} o q'?

Marianna.

Não o tenho.

Ernestina.

Pois tu não tens se quer um homem p.^a q' a tua vontade seja uma ley?!

Marianna.

Já me contentava em o ter sem lhe pór preceitos, mas nem assim!

Todos.

Ora' possível?!

Ernestina.

E é por isso q' choras?

Marianna.

Se lhe parece q' não tenho razão....

Ernestina.

De certo, n'essa cidade....

Marianna.

Ora digam-me se isto não é p.^a fazer desesperar uma Santa! De todas as raparigas d'estes sítios, sou eu a única q' não acho q.^m me queixa. Ainda se eu tivesse a culpa.... Cantando. / ~~pp~~ 4

De ser tão mal sucedida

Não sou a culpada a meu vêr,

Para ser formosa e gu'rrida,

Bem q' emprego o meu saber.

De manhã ao pé do espelho

As horas correndo vão,

Comproudo o laço, as fitinhas,

Logo vestindo o roupao

Qu' penteando as tranças,

E em toda a semana, assim,

Vou das mais enfeitadinhas,
Sempre é' domingo p'ra mim.

E nada consigo
Mas fado me segue
Ernesto.

Pois nada consegue?!
Marian:

E' certo o q' digo.
Ernesto.

Não acha?

Marian:

E' verdade

Não mette isto do'?!
Ernesto.

Ernesto.

Aprim a' esta cidade...

Marian:

Então! nem um so'!

~~Não farto ai danças e as festas,
E entre os rapazes folteiros,
Não se encontram muitas destas,
Com modos mais captiveiros,
Quando tu dois ao mesmo tempo
Convicando-me a dançar
E apressa se chegam ligeiros,
Não quero escandalizar —~~

Tomo o segundo e o primeiro,
E às vezes a meu pesar,
Acceto mesmo um terceiro.

E nada consigo,
Mão facto me segue!
Ernesto.

Foi nada consegue?!
Marian:

E' certo o q' digo,
Ernesto.

Não acha...

Marian:

E' verdade,
Não mette isto do?!
Ernesto.

Apim, n' epa do lado!

Marian:

Então! Nem um se!

Ernestina.

Ora vejam! Uma roza sem haver q' a cubice!

Ernesto.

E' uma grande injustica q' me fazem!
Todos.

E' uma iniquidade!

Marianna.

E' tudo isto, e', sim Sur.^o; ha' por ahi tantas q.
têm dois, quatro, e até seis e mais !... Por isto an-
da a gente a' cata d'um, e por mais q. o prouver...
Estas avarentas e' q. têm a culpa.

Ernesto.

Surmudo. Também ha' d'isto ca' no sitio?... Estas
muito adiantadas !...

Marianna.

Tudo p.^a uns e nada p.^a outros ! Isto e' mal feito e
até devia ser peccado. Servi e gracia - a menina,
tem aqui sette e oito, e mais, a' rocha de si, e não sei
la' q. lhe acham, q. todos a' querem. Ah! esta' o q.
faz daninho às outras, não e' verdade ?

Ernesto.

O caso e' q. me acho razao, não obstante o modo inconveni-
ente de se expor.

Ernestina.

Acha isto ? N'esse caso vou protegê-la

Marianna.

Alvares. Será tanta bond.^e q. me va' dar algum d'estes ?

Ernesto.

Não lhe custaria m.^{to}...

Marianna.

Não se arrependa de fazer bem, menina; os ricos
e' q. devem dar aos pobres.

Ernestina.

Olhando p.^a todos. Não posso dar-te um namorado
com amplas garantias, mas vou emprestar-te um.
Todos.

Emprestar!

Ernesto.

Ap.^{te} Temos ^{excentric} ~~extrem~~idade no caso.

Mariano.

Muito obrigada ~~eu~~ por esta fineza. Olhe, em eu tendo
um, apparecer logo mais, o g.^o e' custoz e' arranjar
o primeiro; depois vera' quantos se chegam, são trinta
caer a um oço. Olhe, em elle me não sendo preciso,
juro g.^o th'o entrego ~~tal e qual~~

Ernestina.

Ecolhe d'estes Var.^{es} aquelle g.^o mais te agradar.

Canta.

A sympathia só deve
Decidir aqui, bem vêz

Marian:

E' por ipso g.^o eu me apusto,
São muitos d'uma só vez.

Côro

Elle apusta-se, elle hesita,
Toda trema, e tem razão,
Que a sympathia só deve
Inspirar-me o coração.

Marian:

1
É muito grande a abundância,
E amim quer-me parecer,
Se a minha vontade é livre,
Que este só devo escolher. 1.º Ser. 2

quando Ernesto.

Côro.

Que tal! a rapariguinha
Que tem bom gosto proovos,
Mostrando na sua escotilha
2 { Que a sympathia a dictou.
Marian!

E não queria, meu Sur.^o,
Escandalizar nenthum,
Aqui porem, a menina,
Não me apresenta senão um.

Côro.

Que tal! a rapariguinha &

3 Ernestina.

1.º Ap. 1.º Excelente occasião p.^a me vingar. 1.º Ernesto

2 Sur. Ernesto ~~de Barreto~~, determino, ordeno-lhe q.
saia a corte pelo espaço de trez horas, a epa des favo-
recida da fortuna.

1 Ernesto

Fazer a corte a Marianna ??

3 Marianna.

Deitando-lhe a mão. 1.º Me g.^o enfim, apantei um.

Ernestina.

Creio q. isto lhe não pode ser desagradavel... vae até' perfectam^{te} d'accordo com as suas idéas: Logo q. uma pessoa seja digna da estima....

Ernesto.

Baixo a Ernestina. Minha Sur.^a, repare q. se mettante gracejo....

Ernestina.

Não é' tal um gracejo, é' serio; durante as trez horas q. vão correr, cumpra as ordens de Marianna, como se fossem as m.^{as}... sera' ella duran-
te este curto periodo, a rainha do seu coração...
cuidado em não a desgostar, q. é' desagradar-me.
Samor, trez horas passam depressa; faça-se
meigo, apaixonado, e m.^{to} submisso sobre tudo;
n'esta especialidade não tem pouco q. apren-
der, e eu desejo m.^{to} q. outra aprimore a sua educação.

Ernesto.

Ora q. idéa! Cu é' q. não estou resolvido a isto, m.^a Sur.^a

Ernestina.

Ameia voz. Tome sentido; lembre-se q. de cida-
hoje a m.^a escolha; quero experimentar até' q. pon-
to chega a sua obediencia. Se resiste, se hesita seguir,
obte q. é' bastante p.^a o excluir.

Ernesto.

[p. 17] Não ha' remedio!

Ernestina.

Amor, m.^{as} amigas, deixemos em liberdade os
namorados, q.^l devem ter q.^l dizer.

Todos.

Liberdade aos namorados! Todos saem! E. B.

1.ª Vez.
Ernesto e Marianna.

1.º Ernesto.

Esta agora, então, valla por todas! e' impossível
mudar aquelle genio. Se eu a não amasse, e se este
casamento agora não fosse um capricho, partiria
imediatam.^{te} d'aqui.

2.ª Marianna.

Offendo p.^a elle Como e' acanhado!

Ernesto.

E em q.^{to} me impoe esta ridicula condicção, esta
ouvindo as louças q.^l elles se não fartam de lhe repetir.

Marianna.

Sempre quero ver como são os namoros entre as pessoas finas...
A julgar pelas maneiras politicas, devem saber dizer pala-
vras m.^{to} lindas...

Ernesto.

A m.^a vontade, era deixar o porto q.^l me deu e ir

ter com ella, mas se deserto, e' capaz de não me perdoar.
 Marianna.

[Ap.] Então, não querem lá ver?... Não me da' pala-
 vra... nem as menos se chega... Parece q. não faz
 caso de mim. [Alto] Vnr. Ernesto, o Sur. Ernesto?
 Ernesto.

[Sem olhar.] Está bom, não grite...
 Marianna.

Está bom!... está mau, m.^{to} mau, digo eu; olhe, se conti-
 nuar a voltar-me a cara d'esse modo, deixo-o ficar p.
 ali' e vou fazer queixa a' meruma. [Alto]

Ernesto.

Sorregue, q. o caso não pede tanto.

Marianna.

Então, porte-se como deve. Ora se ha'alguem mais
 infeliz do q. eu! Até os q. são obrigados a namorar-
 me, até estes fogem de mim! Ainda se eu fosse
 feia de metter medo... [Capta.]

Despreza-me, agora vejo,
 Com isto nada lucrei,
 Namorados d'este lote
 Em qualquer parte acharei,
 P'ra ter um q. nem se meche,
 E' mudo, valha a verdade,
 Não sei q. mereça a pena
 De o escolher da cidade

Ernesto.

É o caso e' q.^l ella tem razao. /Aproximando-se/
Samor, aqui me tem; estou prompto p.^a deempunhar o
meu novo emprego.

Marianna.

Não lhe disseram q.^l fosse amoroso, e q.^l me obede-
cepe? Se e' assim q.^l faz o q.^l lhe mandam

Ernesto.

Aqui estou.

Marianna.

Nada, ali' e' m.^{to} longe; aqui, aqui mais p.^a ao
pe' de mim.

Ernesto.

/Reparando bem n'ella./ Ainda a não tinha visto
bem ao pe' É o caso e' q.^l não e' de todo ma'

/Chegando-se mais./ Uma vez q.^l estou servindo
provizoriã^{te} de seu namorado, intendo q.^l deve-
mos ser francos, uzando de plena confiança um
p.^a o outro. /Com modo agradável./ Ora diga-me,
com sinceridade, e' certo q.^l esper. lindos olhos ainda
não fizeram palpar um coração? E' verd.^e q.^l
não ama ninguém?

Marianna.

Eu!

Ernesto.

Falle verdade; q.^l e' p.^a seu interesse q.^l lhe pergunto.

isto. Eu não sou aqui, mais do q.^o um amante de brincadeira, e ainda assim, é só por alguns momentos, em q.^{to} q.^o um amigo, poderei sê-lo sempre.

Marianna.

O Sur. parece tão boa pessoa, q.^o seria m.^{to} mal feito, enganar-o.

Ernesto.

Bravo! temo effectivamente um namorado verdadeiro?

Marianna.

Isto é conforme. Baixando os olhos. Preciso primeiro entender-me o q.^o diz. ^o alguém a q.^o se ama, ou alguém q.^o nos tem amor?

Ernesto.

Alguem q.^o nos tem amor.

Escola Superior de Cinema Marianna.

Então n'este caso, não tenho nenhum, por q.^o sou eu só q.^o amo.

Ernesto.

Não é possível! tão nova, com tão bonitos olhos!...

Marianna.

Então, são coisas m.^{as}; ninguém ainda deu por elles,

Alhe, epe mesmo de q.^m eu lhe fallava. Canta.

Quero-me, e volta-me o rosto

Por q.^o não tenho riquezas;

Achat-as desejaria

A par d'algumas bellezas,

Por q.^o então me vingaria.

Se a fortuna me sorrisse,
Roto e pobre, ao pé' q.^o o vispe,
Inda apim o escolheira.

Ernesto.

Ara diga-me cá, e amma tanto esse ingrato como aquel-
le q.^o está agora occupando o logar q.^o devia pertencer-lhe?

Marianna.

Ea... eu lhe digo. / Turbada, canta. /

Acham-no meio pateta.

E o Sur. e' mais sagaz;

Elle e' grosseiro, — e diria,

Que em tudo lhe fica' a traz.

Torem se em voz maviça

Me disseste alegre um dia:—

"Ven tu ser a minha esposa."

Era a elle q.^o escolhia.

Ernesto.

Ap. 7 Torre rapariga! Se Ernestina pensasse como ella!...

Marianna.

Lae tem? esta com ar. tao pensativo!

Ernesto.

Se lhe parece... q.^o uma pessoa estima' a quem,
nao gosta de lhe ouvir dizer q.^o amma outro.

Marianna.

O Sur., q.^o morre pela menina, e q.^o esta ^{agora} ~~agora~~ ausente

d'ella, deve saber avalliar isto bem. Olhe, p.^a the con-
fessar a verd.^e, estou ja' arrependido de o ter escolhido,
por q.^e não gosto de causar mortificações a ninguém.
Se quer, vá-se embora, vá' ter com ella. 2

Ernesto.

Isto não faço eu agora. Cica, Marianna, interesso-
me pelo seu futuro; visto q.^e me deu a preferencia, e
do meu dever protegeta, e assegurar a sua felicidade.

Marianna.

Isto não é' tão facil como parece.

Ernesto.

Não ha de ser tambem tão difficil como julga. Ha
de haver meio de resolver aquelle q.^e the inspirou a
affeição q.^e sente. Depois, se for teimozo, ha' por ali
tanto...

Marianna.

Tanto! eu tento papado a m.^a viola a' cata d'um.

Ernesto.

Sendo um rapaz honrado, de boas qualid.^{es}, amigo de trabalhar...

Meiga, gentil e formosa
Quem não quer da more bella,

Quem se julga desditosa

~~Por que não se casar com o seu amor?~~

Não ha' bonita donzella

sem achar consoladores.

Uma rapariga sempre achou
seu amante.

Wiss
~~Wiss~~ jünga?

Exposto.

~~Pajar macho Antenas.~~ Puer abragado

Agave - the a. Marianna

Graciosa - Me a finiza

Маг. Туд, що є г. н. н. н.

Ernesto.

Creata a' risa em tudo

Esta profissão d'amor

Marianna

Seo. g. tem consciencia

Mar dis pensa - the o favor

cruceto.

Q'ia' g.º temon?

Scena 8.

Os Meusros, Fernando e Nicolau. Cada um

2. Nicolaus.

Parado admirado, Perdoas meu Ins., eu...

3. Marianna,

1 Apr 5 Fernando!

Ernesto.

Que me querem?

3 Fernando.

/Perturbado/ Não se se ventos estorvar....

2 Nicolau.

/A Ernesto/ É aqui Fernando, o rendeiro do Sur. barão, q.^o deseja fallar ao Sur. Morgado, a respeito d'uma vinha q.^o elle quer pedir q.^o lhe afire.

Ernesto.

Fernando?

Nicolau.

É um excellente e honrado rapaz q.^o tomo a liberdade de recomendar a V.^{sa}

4 Marianna.

É um rapaz de m.^{to} boas qualidades q.^o eu tambem me atrevo a recomendar.

Ernesto.

Está bom, visto q.^o se interessa por elle, fallaremos. 3

2 Fernando.

/Que se chega a Nicolau/ Parece-me q.^o pegam as bixas, q.^o diz Vuncê?

3 Ernesto.

Preizo escrever ao Tabelião da Villa, Sur. Nicolau, no mesmo instante. Haverá ali quem lá vá?

Nicolau

/Appt/ Não tem q.^o ver, é por cauza do foro. /Alto/ Ali no

Mirante, acha V.ª tudo q.º e' preciso p.ª escrever.
O Andre' ira' levar a carta.

Ernesto.

E encontrar-se-ha' agora o Fabelliao?

Nicolau.

E' natural, por q.º reune hoje em casa m.ª gente aqui
dos arredores, p.ª as escripturas da venda das terras do Conde.

Ernesto. DB

E' boa occasiao. Entra no Mirante, com Nicolau.

Instituto Politécnico de Lisboa

Vem 7.ª
Fernando e Marianna.

1. Fernando.

Sempre deitaram cada olhadura um ao outro... Que
diálto le guerra o Soz Morgado, cando eu aqui
cheguei? Que estava elle a dizer?

2. Marianna.

Elle q.º?

Fernando.

Ora faça-se de novas. O Soz Morgado.

Marianna.

Dizá-me... Ah! dizia-me q.º morria d'amores por mim.

Fernando.

Reindos Ah! Ah! Ah! Morrer d'amores por Vence L.

Marianna.

Por mim, Sim, Sr.^o Edizão-me cada fineza...

Fernando.

[Ap.º] Quanta na está pateta a raptariga! *[Alto]* Nunca na vê q.^o elle e la todo chegado às sedalgarrias?...
Se le meteu estas pataratas na cabeça, foi por ~~depois~~
~~de~~ escarnicação.

Marianna.

[Quando p.^o elle com desprezo] engana-se, o Sr.^o Ernesto gosta
do q.^o e é bom.

Fernando.

Ara... la entre gente da sua col.^o tem muita som.
mas de moças de tirar o chepeio!

Marianna.

São todas m.^{to} presumidas, e por isso não gosta d' ellas.

Fernando.

Nunca me viria a idéa do pensamento q.^o o Sr.^o
morgado d' esse d' outro a uma raptariga d' outra especie!
Na faça duvida q.^o está ben servido.

Marianna.

[Ap.º] Malcreado!

Fernando.

Eu ca tanto bom olho; sabe o q.^o fiz? *[Ameia voz]* Tomé
o se conselho; levo a Igreja a saguina galleota!

Marianna.

[Ap.º] Salva me Deo! *[Alto perturbada]* Quão sempre se resolven?

Fernando.

E' como diz: encontre agora a tia Galteota, q.^l me disse
q.^l andava la' mais de cinco a rosa da filha, e na
quize perder tempo, por q.^l e' ca' em venda q.^l alguem
ten olho em rida d'alguma coiza, na se' q.^l le
conta Logo q.^l a mae da Jacuina me fallou
dos cinco melcatrefes, pedite a rapiariga. Da
as expor, ella ampondeu-me : "Logo q.^l vuncê
afore a vinha do Sr Morgado, la' ten a Jacuina as ordens.
Marianna.

[Ap.] Jesus!

Fernando.

Como o negocio do foro vae ben, estou apocgado.
[Reparando na perturbacao de Marianna.] Mas q.^l
diakho ten vuncê ? ... Esta' da côr de linão.
Marianna.

Nada... isto não e' nada Dou-lhe os parabens.
Fernando.

Espera, ê-o ahi' ven.

Fernando.

Os Mesmos, e Ernesto, e Nicolau, q.^l en-
tram conversando baixo. Andre, apparece no Fund.

Nicolau.

Elle costuma censurar as extravagancias da menina,
mas tambem as vezes tem algumas.

Ernesto.

Amica voz. / Silencio!

Nicolau.

Agora nao ha-de saltar q.^m a queira.

Ernesto.

Elle mesmo o q.^o eu desejo. Quando Andre' ao F.D. Andre',
vae levar immediatamente esta carta a casa do Tabel-
hao.

Andre.

Vou n'um pulo. Vae correndo. / C.B.

Ernesto.

A Fernando. Agora, aqui me tem as ordens.

3 Marianna.

Detendo Ern. Entao foge-me ainda outra vez?

Ernesto.

Elle um instante so!

Marianna.

Amica voz. Lembre-se q.^o tenho so' tres horas, e q.^o se
continua a fugir de mim por esse modo...

Ernesto.

Volto ja!

Marianna.

Foi sim, mas antes de se ir embora, quero dizer-lhe uma coisa.

Ernesto.

1.º Dottando. / Ora diga lá!

2.º Fernando.

Ap.º Como ella tem mais n'elle!

Marianna.

3.º A Fern. e Nic. q.º se aproximam p.º ouvir

Fazem favor de se afastar? / Afastam-se e conversam baixo.

2.º Ernesto.

Diga...

Marianna.

O Sr.º está aqui fazendo as vezes de meu namorado,
não é' assim?

Ernesto.

3.º

Marianna.

Um namorado deve obedecer em tudo, não é' isto?

Ernesto.

Exactamente.

Marianna.

Então, esta vez q.º Fernando lhe quer afogar...

Ernesto.

Boa noite; já m'ò recommendou e não me esquece; ha-de
ser attendido.

Marianna.

Não, não, ao contrario; desejava antes q.º m'a
não afogasse.

Ernesto.

Então é outro caso. / Othando p.^a Fern: g.^o Me faz um
cumprim.^{to} em signal d'agradecim.^{to} / Pobre rapaz!
 E eu, julgando g.^o fosse este! / A Mariam. Como es-
 sem o quer, ha-de ser satisfeita.

Marianna.

Obrigada.

Ernesto.

Alhe g.^o e' com uma condição.

Marianna.

Diga, diga.

Ernesto.

E' g.^o em o Velocio da freguezia dando duas horas,
 ha-de ir esperar-me (ta ao fim do este arvoredo ao pe' do tanque.
Ap.^t Quero ser o primeiro a annunciar-lhe tudo
 quanto fiz em seu favor.

Marianna.

No laranjal, ao pe' do tanque?

Ernesto.

Sento m.^{to} g.^o Me dizer... bem sabe... a respeito do
 outro... Em senelo duas horas.

Marianna.

Não me esquece. / Othando p.^a Fern: de reviz. / At logo.

Ernesto.

Vamos, Fernando. / Entra p.^a Mirante, seguido de Fernando.
 Fernando.

Prompto. Ap.^t Não ha' g.^o ver, Marianna fallou-me por mim.

D.B.

1. Cena II. Nicolaus e Marianna

1. Nicolaus.

Então, viu-se lá nunca uma coisa assim! Um conto de reis de dote a Marianna! O pior é q.º vae encarregar o Tabellião de o participar aos rapazes ca' de sitio. Ella ainda ignora tudo.... serei o primeiro a' bicca... vejamos q.º tal me saio... Marianna? o' Marianna? /Chegando-se p.ª ella/

2. Marianna.

Ai Jesus! o mostrenço do feitor; aposto q.º vem ralthar comigo?

Nicolaus.

Ainda ca, chega-te p.ª aqui, Marianna, dou-te licença. Não sabes? tenho q.º te dizer.

Marianna.

Aqui estou, q.º me quer? [Ap.º] Que modo q.º tem hoje!

Nicolaus.

Tá bem saber q.º me interesso por ti... vi-te nascer, tenho sido sempre teu amigoinho, não é verdade?

Marianna.

Ninguém tal dirá! Se é ser meu amigo andar sempre a gritar atraz de mim: "Maldicta rapariga. — Diabo de rapariga. — Desastrada, e delambida! —

Nicolaus.

Por q.º te deitam a perder com mimos e tolices. —

Tomando-lhe as mãos. As m.^{as} reprehensões eram p.^{ra}
 teu benefício. Eu sempre te tive amizade, sempre...
 Olha, vem aqui p.^{ra} este lado... não quero q.^{ue} nos oçam
 d'alli. Fallando-lhe ao ouvido e esfregando as mãos. Heim?

Marianna.

Falla serio?

Nicolau.

Como acima. Que tal?

Marianna.

Dem.^{da} Sim?

Nicolau.

Como acima. Então?

Marianna.

Meu Deus, q.^{ue} está dizendo! Cazar corrigo! Eu, uma po-
 bre rapariga, mulher do feitor do Sur. Barão!

Nicolau.

Cuidado, falla mais devagarinho.

Marianna.

Depois, quasi q.^{ue} podia ser meu avô.

Nicolau.

Seu avô! Eu tenho 50 e tantos... Olha q.^{ue} tu não
 és tão pobre como pensas... és rica, m.^{de} tortinha,
 Então esses outros não valem nada? não são dois diamantes
 de preço?... E esta boia q.^{ue} parece um botão de rosa?
Ap.^{to} Realmente não sei por q.^{ue} não sympathisam com es-
 ta rapariga! Fecho reparado agora q.^{ue} não é tão má como
 a fazem.

Marianna.

1.º Acto. Ora aqui está um, q. ainda agora se lembra de mim!

Nicolau.

Então q. dizes?

Marianna.

Não digo q. não, nem q. sim.

Nicolau.

Diabo! isto é tão duvidoso... tão incerto...

Marianna.

Se preciso q. eu veja primeiro, se o amor q. me dizes, é sincero.

Nicolau.

Então, q. havia de ser, m. flor? Catando-me aos pés

Olha, em q. to a isto, juro-te...

Marianna.

Não jure, q. é m. to duvidoso... e m. to incerto.

Nicolau.

Então, magana...

Marianna.

1.º Acto. Se Fernando vísse isto...

Nicolau.

Está decidido o negocio?

Marianna.

Inquieta. Por em q. to não... veremos mais tarde. Doce

Nicolau.

Que tens, q. estás tão agitada?

2 Marianna.

1.^a 9.^a epa posição... bem sabe, qd. se não está' acostumada

3 Fernando. ~~2.º~~

Saindo do Mirante. / Ué! /

Marianna.

Dando um grito. / Ai! /

Nicolau.

Esquendo-se. / Que mil demônios o levem! / Saindo. /
No maior calor do meu discurso! Escada &

Instituto Politécnico de Lisboa

2.^a Sema 12.^a
Fernando e Marianna.

Escola Superior de Teatro e Cinema

1 Marianna.
Alé! Ainda por aqui outra vez, Fernando?

2 Fernando.

Despeitado. / Desculpara-me se vim estovar!

Marianna.

Que cara tão feia q. fez p. dizer isto!

Fernando.

Eu, cá' tenho as m.^{as} razões... Sa' todas as arreliãs
a cair ao mêmo tempo! O Sr. morgado nã se far-
to de fallar em vuncê! — "A Marianna ten bons
olhos! A Marianna é' uma raparigueta engraçada e
esperta — A Marianna cá', a Marianna lá', "com este

nunca acabar de finzas...

Marianna.

E é' por' isto q' está' assim tão agastado?

Fernando.

Não é' isto só q' me arrelia; o q' me faz moer ca' por dentro, é' não me querer aforar a vinha.

Marianna.

Com alegria Não quiz?... Coitado!... Sempre lhe ha de fazer m^{to} desarranjo!... Appt Como é' bem mandado!

Fernando.

E agora, cando vênto ter com vence q' me dá' sempre ta' bons conselhos, topo com o giboia do feto ali' feto macaco!

Marianna.

Então por q' foi q' o Sur. Ernesto lhe não quiz aforar a vinha?

Fernando.

Lá se lá!... Elle tratou-me com m^{to} bom modo, mas não esteve com estupidez corrigo. O' menina Marianna, q' diabho estava a qui fazendo de coxas o seintia do Nicolau?

Marianna.

Estava-me dizendo... nem eu sei já'o q' elle me diz a. Mas fallamos do q' interessa; então o Sur. Morgado prometteu já' aforar a vinha a alguem?

Fernando.

Cal! O so morgado não era capaz d'isto. Não po de agora tratar do negocio, mas prometteu-me q' falla.

ria-mos lá p' o diante. Diga-me ca' truce agora
q' l'he estava ali'a pregar o ginga do feto?

Marianna,

Estava falando... Sim, dizia...

Fernando.

Dezembuche, com a treca!

Marianna,

Dizia q' me tinha um amor verda^d, q' era bonita e...

~~Fernando.~~

~~Marianna.~~

Instituto Politécnico de Lisboa

Marianna,

E q' queria cazar corruço.

Fernando.

Heim? cazar! Ora o velhinho d'uma figa!

Escola Superior Marianna Cinema

1.ª Sae torrando ferro... 2.ª 3.ª E apertava-me
com tanta força a mão, q' até m'a fez doer.

Fernando.

Se aquillo e' memo um brutinho!

Marianna.

La' ipso não digo eu, por q' ao mesmo tempo, sempre
me deitava um olhar tão meigo...

Fernando.

Ora o sagratiça tamen mettido em danças! Mas
nunc menina Marianna, nunc a banou l'he as
orelhas, heim?

Marianna.

Apim era eu tola! Uma rapariga nunca despatcha
mal um pretendente.

Fernando.

Ora vejá-m-se n' este espelho! Inda agora riu nava
vumê das outras q.^l eran volúveis, q.^l na^l guardavam
a fe' da lealdade, e sae-me uma da mema clássica.

Marianna.

Que está dizendo?!

Fernando.

A verdade. Sunci já trazia a' roça o Sr morgado,
pensa q.^l eu na^l perque? Enta eu tinha visto
as carrapatas nos olhos?

Marianna.

Mas q.^l fiz eu?

Fernando.

Na^l me queira fazer toupeira! Foi vumê ha de
negar q.^l da' audiência a ambos e dois?

Marianna.

Que tem la' isso? Um e' p.^a namorar e outro p.^a cazar.

Fernando.

[Ap. E.] E' levadinha da breca!... ninguem le pranta
o rimbo atrás da orelha [F. e p. a ella e arregalan-
do o olho.] E na^l e' feia apim de lado... parece
inte mais bonita... E eu q.^l inda a na^l tinha
visto de lado!

Marianna.

Olhando surrasteiram^{te} / Parece-me q.^a joga d'esta
No momento em q.^a Fernando vai p.^a me fallar, entra
Andre q.^a vem ao meio d'elle. Q. B.

Fernando.

Vendo Andre. / Diabo! Nã ter elle emagado um pe' no
 caminho!

Acto 15.

Instituto Politécnico de Lisboa

Andre.

Citapado / Menina Marianna, menina Marianna!

Fernando.

A Andre, q.^a traz uma porção de cartas, na mão.
 Que queres? Despacha-te.

Andre.

Nã é a vuncê, e' a menina Marianna q.^a eu
perseguro. Aqui ten estas cartas q.^a me devar p.^a te
trazer. Da-as a Marian / Ven de casa do Tambalião.

Fernando.

Tacha-te, põe-te ao fresco, anda. Andre, sai, Escolto
olhando p.^a elle com máo modo / Cartas... Tamba-
lião... q.^a diabo quer isto dizer?

2. Marianna.

Eu sei lá... amim nunca ninguém me escreveu... e
faziam bem, por q.^o não perdiam tempo... Sim e q.^o sabe
lêr, veja lá o q.^o ipso é. /Da-lhe as cartas./

Fernando.

Com m.^{to} gosto; lêr se eu como um letrado. /Abre a carta,
e soletra/ Ha-ha, m-u-i-mui-t-o-t-o-, há m.^{to}; g-u-e-
q.^o-e-u-eu-sin-t-o. Há muito q.^o eu sinto p-e-l-a-
pela s-u-a-p-e-s-s-o-a, pela sua pessão; u-m-a-es-ti-
ma-ç-a-o-tal-uma estimade-ver-da-d-e-i-ra-verdadeira.

Marianna.

E pure lá, é uma carta d'amor, pois não é?

Fernando.

Está bem escrevida, nã haja duvida na lêr em
raça de pontuação, new de ortographia!

Marianna.

Ipo não faz ao caso, intende-se bem. Diz ali q.^m me
escreve, q.^o me estima há m.^{to} tempo, não é isto? Conti-
nue, veja o resto.

Fernanda

/Continuando./ ^{q.^o} - é - g-u-e-o-m-e-u - ^{q.^o} g.^o meu;
res-pe-i-t-o-to, respeito e-r-a-ta-m-a-n-h-o-nho.
^{q.^o} q.^o o meu respeito era tamantio, g-u-e-n-a-o-tal,
q.^o na, m-e-mê de-i-x-a-v-a-me deixava de-so-ba-
far, desabafar. Se qui-zer-ac-cci-tar, se quizes
acccitar o meu a-m-o-r-o meu amor - e - mat-a

he-r-a-n-c-a & mal-a heranca de m-e-u-t-i-s, de
 meu t-i-s. / Deixando de lêr. / Talvez algum ginsento
 de 20 annos e uma barraguita a colôr. Quem se-
 ra' o animal q' aqui prantou tanta sanfarrice?...
 / Sendo a apizgnatura. / Jo-a-o-t-il João, Su-iz-
 João Suiz; - logo vi.

Marianna.

Ah! o João Suiz - canteiro - É um bonito rapaz com
 q^m engraiço.

Fernando.
 É um bonito do tamanho da minivoria do terreiro do Saco!
 É um ~~rapazinho~~ a ~~graxa~~ ~~teu~~ ~~hola~~ ~~aprima~~ ~~vari~~
 garrá de saltar ao cordão.

Marianna.

E os outros? Sei-a lá!

Escola Sup. Fernando. e Cinema

Está bem aprepada... deixa estar q' na fogem.
 / Sendo as cartas. / É tudo a mesma cantiga.

Marianna.

É todos elles querem caçar comigo?

Fernando.

/ Sendo as apizgnaturas. / E Z^e Ferreira, o Gregorio
 Diniz, o Andre' Lourenço, o João Baptista, e o Manuel
 Ignacio. - Sempre le digo, q' todos elles na vallem mais
 Da ruim, e é tamanha a camada, 1708
 Como a' borda da terra as formigas

Marianna.

São chegando, e de tantos na esbólia
Oh! q.^o inveja p.^r as muitas amigas,
Fernando.

Taffa! arrecta! parece-me um cargo
Aos festeiros chamando ao leilão.
So' dispori q.^o Morgado atirou-se,
E' q.^o a traz veio grande porção,
Marianna.

P.^r a q.^m fôz acanhado, esse exemplo
Servira' de animar a' licção.

[Red mark] E não lhe produzio isto ainda effeito, catta-se!
Com tudo não me parece estar ta' m.^{to} bom... já apontar
q.^o sente o q.^o quer q.^o não q.^o amofina

Escola Superior de Cinema
Fernando.

Da sucia toda qual e' o q.^o vence escolhe?

Marianna.

[Red mark] Ohando p.^a elle da revez / Eu sei... pode ainda apparecer
mais algum....

Fernando.

[Red mark] E' bem pensado... Então ainda eu estou a
tempo... Para dizer a ver.^d, q.^o vallha a pena,
ella ainda na ten senda dois, - o Soz morgado,
e o setos. Serê eu o tercêro, e o umaro trez
na e' mão. Se me eu podesse desancantar....
Estou vae na vae a atirar-me, mas na se q.^o le

hã-de dizer... /Alto./ O' menina Marianna? menina
Marianninha?

Marianna.

/Chegando-se./ Que é q' me quer?

Fernando.

Era... na era nada... /Ap.º./ Salta-me Deus, q' já
me ia esquecendo da Jacuina Galletta, com quem tento a
pallaria enfrentada! Se eu a podesse enfrentar com
ambas e duas, era uma p.ª cada duas. /Dão duas horas./
Na se' q' faça.

Marianna.

Jesus! Duas horas, e o Sr. Ernesto a' m.ª espera!

Fernando.

O Sr. Morgado?

Marianna.

Prometti de ir ter com elle ás duas horas.

Fernando.

Para q'?

Marianna.

Eu sei lá!

Fernando.

A menina vai?

Marianna.

Se lhe parece q' não devo ir... Eu cá, em dando a
m.ª pallarria não fallo /Olhando p.ª o Fundo./
Esper, lá anda elle já.

Fernando.

Atraz d'ella, querendo detela. Cica ca', menina Ma-
rianna; escute ca', q' eu tambem tento q' le dizer.

Marianna.

Logo, fica p' a outra occasiao. Apt' tirando-se d'elle
e correndo. Isto na servira' p' a nao ser atado. Sae B

Sena 14^a

Fernando, soz, depois Ernestina. E B

Fernando.

Menina Marianna, oica... e la' se vai como um foguete!
Isto e' p' a bater com a cabeça n' uma esquina! Quando
do p' o fundo. Ih' como ella corre!... la' chega as pe-
d' elle... e esta na le esta' apertando a mão? La'
vão andando... Somem-se no laranja!... Na ha'
remeido sema ficas agui feto espantado.

Ernestina.

Entrando. Entao q' faz por aqui, Fernando?

Fernando.

Eu... eu na faço nada, menina!

Ernestina.

Sim o V. Ex. Ernesto?

Fernando.

Se o vi... vi, vi, e antes na topar, q' persegua

de me estar mordendo d'inveja. / Offendo p.^a F.D.

E peior e' q.^d ja' os perdi' d'olho.

Ernestina.

Por q.^d diz isto?

Fernando.

Por q.^d?... A menina, ainda pergunta por q.^d?

Ernestina.

De certo.

Fernando.

Perdoara-me, mas e' q.^d eu topei-o aqui com a Marianna
às voltas. Olhe, o q.^d eu aposto q.^d na acredita, e' q.^d elle,
o sr.^e Ernesto, o sr.^e Morgado... quen tal diria!

Ernestina.

Ande, acabe.

Fernando.

Arrastate a agoa, a ella! dei, vi, ouvi tudo! Estão
afferrados e ja' ninguen d'ali' os tira.

Ernestina.

Isto foi uma brincadeira, um gracejo p.^a nos divertir-mos.

Fernando.

Ah! chama-se a'quillo uma brincadeira p.^a divertir?...
Olhe, esta manhã, cando eu ali' cheguei, estava elle fru-
tando-le um abraço apertado como quen na quer a coisa...

Ernestina.

Inquieta! / Sim ^a estava aqui perto, vi bem?

Fernando.

Tão perto como estou da menina; or pois, esteve o sor Morgado a saltar comigo, e sempre me disse coisas d'ella...

Ernestina.

Mas isto é só desde esta manhã.

Fernando.

Cal história! aquillo já o ten d'olho há mais tempo.

Ernestina.

Sera' vero?

Fernando.

Se é... e elle q' o sor Morgado é capaz de fazer. talvez, dego-lo eu!

Ernestina.

Agora, q' eu acabo de dizer a meu pae, q' estava de-
cidida a acceptal-o por meu marido!

Fernando.

Tágon-le ben; eu sempre querrá q' a menina o visse
agui' ao pé d'ella, a' finjeas, e deitando-le cacha o olho...
Há um instante niêno, precizava eu dar uma pal-
lavra a' Marianna, mas na me quiz ouvir, por q' deran
duas horas, e o sor Ernesto, estava no lavanjal esperando p' ella.

Ernestina.

Não posso crer no q' me diz.

Fernando.

Sor sim, elle, eu na seja Fernando Bento, filho de m.
mae (Euzébia), e de me pae Bernardo, se isto na é tão
verdade como haver o sol q' nos alumiã. afirmado

1.º A. J. Va', menina, va' por lá' fora q' o apanha ~~na~~
~~com a mãe na botija...~~ Já' e' tarde, é-o alii ven.
 Ernestina.

Éton desesperada!

Fernando.

Qu'ar tan carregado... parece q' ten medo de se
 chegar... traz miêrre cara de peccado, na vé?

Scena 15.

Ernesto, Fernando e Ernestina.

Ernesto.

[Ap.º] É' seu pae q' apim o quer, faze-se, e' o unico modo
 d' obter o seu consentimento.

Ernestina.

[Baix. a Fernando.] Vae prezenciar a m.ª desforra.

Fernando.

Pregue-lhe um sarmão q' o dêxe de cara a' banda.

Ernestina.

[Encarando com elle.] Citava aqui?... desculpe-me q' o não
 esperava. Fallon com meu pae?

3 Ernesto.

Não, m.ª Vm.ª

Ernestina.

[Ap.º] Ainda bem, por q' me envergonharia se elle

soubes e q. se tem papado. Alto / Que tem, Sr.ª, esta com
ar de q.ª procura alguma coisa. Já sei; ha de ser tal-
vez epa rapariga.

Ernesto.

Ha' um instante ainda q.ª a deixei.

~~1. Fernando~~

Baixo a Ernestina / ~~Que~~ esta o meco heim? eu na lo dipe?

2. Ernestina.

Quemda sorris. / Estou deveras admirada da paciência
com q.ª supportou um gracejo.

3. Ernesto.

Não e' tanto um gracejo q.ª se não possa achar n' elle
uma realid.ª também. E estou ainda em divida a
v.ª dos meus agradecimentos, por q.ª esta extravagante
prova ~~que~~ q.ª me quiz fazer papas, decidia o futuro da m.ª sorte.

Ernestina.

Que diz?

Fernando.

Baixa ella / E q.ª be-deu no gôto, a Marianna.

Ernesto.

Digo a v.ª q.ª cada qual tem os seus caprichos. demais,
dezengei-me q.ª era impossível agradar-me.

Ernestina

Não promette desculpar-se q.ª e' inútil.

Ernesto.

Ninguém e' sus. dos impulsos do seu coração... for' esse.

tamente o g.^o me aconteceu com esta pobre rapariga, g.^o me pareceu bastante ~~agradada~~.

~~Fernando.~~

~~/Spirando/ E' vero, la' ipò e'...~~

~~Ernesto.~~

~~Não sei mesmo aonde iria fazer melhor escolha. Mariana não é uma perfeição de belleza, mas tem uma expressão sympathica, uma simplicidade tocante, e excellentes qualidades.~~

~~Fernando.~~

~~/Spirando/ E' vero, la' ipò, ten ella.~~

~~Ernesto.~~

~~E em balde tentas dispersuadir o namorado g.^o Me emprestaram durante alguns ligeiros instantes, por g.^o jurei de a amar verdadeiramente, e sempre.~~

~~Ernestina.~~

~~E' de mais!~~

~~2. Fernando.~~

~~/Desatando a chorar/ Não, la' ipò de mais, na e', pouco acho eu ainda aquillo e' uma rapariga g.^o merece tudo!~~

~~Ernestina~~

~~Acabemos com isto, o Sur.^o ama-a, não é assim?~~

~~3. Ernesto.~~

~~Julgo g.^o não contrahir com V.^o a obrigação de lhe confessar os meus sentimentos.~~

~~Ernestina.~~

~~Mas eu adivinho-o, e não consentirei em semelhante escan-~~

dado feito na casa de meu pai e em m.^a offensa. Toms me
importa q.^o Sr.^e ame ou deixe d'amar, esta ou aquella,
q.^o lhe correspondam ou não, isto e' comprehensivel e' indifferente p.^o
nũm. Velas porei a sorte d'uma rapariga q.^o nos foi confia-
da, e' um dever. Protesto-lhe, Sr., q.^o me hei-de oppor aos
seus indignos projectos.

Ernesto.

Permitta-me dizer-lhe q.^o se engana; como V.^o dizia
ainda esta manhã, não e' um preconceito vao q.^o me prende.
O meu projecto, pois, e' creio se não podera' oppor a elle, e'
casar com Marianna.

Fernando.

M.^a Ernestina / Heim? q.^o disse elle?... Casar com Marianna?

Ernestina

Sejô q.^o me esqueceu.

Ernesto.

Sembrei-me q.^o escravo, vive m.^{to} tempo resignado a' humilha-
ção da corrente, e q.^o ha' um dia em q.^o a faz' estallar, erguen-
do a cabeça diante do Sr.^e abatido. El' tao odia a escla-
vidade, q.^o até mesmo no amor em q.^o e' suave e doce, se
envergonha m.^{tas} vezes do opprobrio.

Ernestina.

Não continue.

Fernando.

M.^a Elia / Não se dizia eu, q.^o o homme era capaz de perder a
cabeça?!

Scene 16.

Os Mesmos e Marianna *vestida como se fosse de noivado.* Escada

Marianna.

Parece q' me não falta nada.

1. Fernando.

Aquelle amante! Aquella tafalaria!

3. Marianna.

1. Ernestina. Não disse q' me havia de casar?.. Ca' pela m.^a parte está tudo prompto... so' me falta o marido.

Fernando.

Está na esperava eu ainda!.. Válha-me D., válha-me...

Ernestina.

Já me não resta duvida. Preciso esconder o meu desespero. *Boe!*

Ernesto.

Não de aproveitar d'esta lição. *Boe!*

Scene 17.

Marianna e Fernando.

Marianna.

Diga-me cá, Fernando, q' foi isto q' succedeu? Então chora?!
Que é q' tem, Fernando, o q' é q' o afflige?

Fernando.

Ainda m'ó ven perguntar, a menina q' é quem tem a culpa?

Botando as abas do chapéu e limpando os olhos as pupilas. / Sim,
quem tem a culpa é a sôra Morgada.

Marianna.

Sr.^a morgada! Quem lhe mettu isto na cabeça?

Fernando.

Visto q.^o Sr.^a morgada gosta da menina, q.^a leva a Igreja,
~~logo q.^a dêem as noivas e apertem o noivo~~; ~~Sr.^a morgada~~, ~~menina~~ Mari-
anna, ~~vança a q.^a eu fallava~~ d'antes como gente da nossa
chegada, fica sendo ali a Sr.^a morgada, e na me tornara
mais a dar conselhos.

Marianna.

A mulher do Sr.^a Ernesto! sera' possivel! Foi elle q.^o
disse, está bem certo, Fernando, ouviu-lhe o dizer?

Fernando.

A menina não o sabe?

Marianna.

Duvida de mim, Fernando?

Fernando.

~~E' eu tan tolo. Que foi q.^a elle te esteve desenhando a laranja?~~

Marianna.

Prometteu-me q.^a ira ser noiva,
Mas de q.^a, n'isto lá, não fallou,
E q.^a fosse elle mesmo o marido,
Nunca em minha tal idea passou.
E eis por q.^a p.^a a festa da noite,
Delicado convite me fez,

E me disse - das joias e enfeites
 Que fosse o melhor d'esta vez.
 Brincoi, rendas, cordão e pulseiras,
 E o q.^o fosse melhor de brilhar;
 Finalmente - do meu casamento
 Quer o resto a seu cargo tomar.
 Fernando.

Tôis é d'isso q.^o torria a seu cargo,
 Que eu me gu'ria também occupar.
 Eu é q.^o sou o culpado de tudo; sou eu q.^o me na atrevi a dizer-lhe
 o formiguêro q.^o me ten gerado ca' dentro no pêto.

Marianna.
 Ah, Fernando, tenta paciência, console-se; ainda q.^o eu venha
 a ser ali a Sur.^a Morgada, ~~la dos amigos~~ mas me hei de eu
 esquecer. Quem ha de ficar com o fôr da viúva, é ^{eu} ~~eu~~; prometto-lhe eu.
 Fernando.

Ben m'importe isto já! eu dava agora todos os fôros das
 viúvas todas do Mundo, p.^a p^{or} embargo a este casamento.
 Marianna.

Então por q.^o?

Fernando.

Tô q.^o eu na quero q.^o vance, ~~memoria Marianna~~, seja morgada.
 Marianna.

Orá eha!

Fernando.

Na quero, já' disse - apuceda o q.^o apuceder; eu sinto uma

verdadeira estimação pela sua pessoa, e estas marfificações,
se não ten do de mim, han-de acabar por me atirarem os
opos a' siquilla.

Marianna.

Não creio q' me tenha amor, se não já m'o tinha dito ha' mais tempo.

Fernando.

Não tenho?... pois nem um pombo quer mais a' sua
porrão, do q' eu te quero, Marianna... Sim, e' vance,
q' eu devo escolher p' m' companheira, aquella q' me
faz arranjo a' vida, aquella...

Marianna.

Mas por q' m'o não disse ha' mais tempo?

Fernando.

Eu tinha ha' duvida n'isso!... Mas o sr Ernesto
adiantou-se, e fiquei como se um raio me tivesse varado.

Marianna.

Brá ainda bem q' se explicou. O peior foi ser já tão tarde.

Fernando.

Todo o tempo e' tempo, menina Marianna.

Marianna.

Clara cá, Fernando, Um e' m' to bom rapaz e não pode
querer q' eu dê de mãos a' felicidade, q' me bate a' porta.

Fernando.

Ohé, menina Marianna, se me deixas a mim, p' ir dar a
outro esse coração q' devia ser meu, desgraco-me... ma-
to-me.... dêto-me ao primeiro por q' encontrar.

Marianna.

Jesus: 'g.º está' dizendo?

Fernando.

Não sou de mêas medídas, ben sabe g.º me chamam
por hi cabeudo, por g.º o g.º digo — saio. 2

Se houvesse um pouquinho perto
La-me agora afigar
P'ra ver se o g.º digo é certo.

Marianna.

Sal remorso e sofrimento.

Na minha alma quer deixar?

Fernando.

P'lo g.º diz, neste momento,
Mas sera' do meu contento,

Por saber g.º ha de chorar

No dia do casamento. / lae p.º sair /

Marianna.

/ Determino-o / Uica ca', Fernando, espere. 1

Scena 18.

O Mesmo e Ernestina, e depois Ernesto,
Nicola e Corvidador.

Ernestina.

Não posso deixar de me inquietar; até meu pai, até

1 ~~Ernestina~~.

elle diz q. sou eu q. tento a culpa. Vendo Marianna.
Ainda bem q. a encontro, Marianna... Está muito satisfeita, não é assim?

2 Marianna.

Salta-me Deus, parece q. lhe fiz mal!... eu não tenho a culpa de nada, juro-lhe....

Ernestina.

Basta! o seu procedimento é indigno. Não pense q. é pela conducta do Sr. Ernesto q. assim lhe fallo, por q. me não deixa o mais ligeiro pesar nem a mais leve lembrança. A inconstancia de q. é dotado e a elleição q. acaba de fazer, provam q. não merece a m.ª estima. Isto porém, não justifica nem desculpa a sua ouzadia, Marianna.

Escola Superior Marianna. Cinema

Bem sei q. fiz mal, q. abusei, por q. a menina se m.ª tinha emprestado.

3 Fernando.

Fica bonita!

Marianna.

Eu devia entregar-lho, mas eu não sei como hei-de fazer isto, por q. o Sr. Ernesto é q. está embirante e não consente.

Ernestina.

Não consente! É mandito! é espantoso! Alto Clica, Marianna, eu não pretendo coisa alguma já do Sr. Ernesto, ao contrario aborreço-o e detesto-o.

Fernando.

E eu tambem ja' le tenho gana!

Ernestina.

O q. eu não posso nem quero supportar e' q. elle me offenda impunemente.

Fernando.

Nen eu tamen.

Ernestina.

Quero vingar-me d'elle, quero fazê-lo desesperar, e torno a meu cuidado o teu futuro; cazo-te com q.^m tu quizeres, se fores immediatamente declarar na presença de meu pai, diante de toda essa gente q. ali' está, q. não amas o Vis. Ernesto, e q. não queres casar com elle.

Fernando.

Isto, bravo! assim e' q. e' matar-o.

Ernestina.

Dizai q. amas outro...

Fernando.

Tal e qual, isto e' q. e' de o pôr de cara a' banda!

Ernestina.

Outro, seja q.^m for, percebe?

Fernando.

Serei e gracia eu q. sou bom rapaz e firmo q. nen uma rocha; a menina Marianna ben o sabe.

Marianna.

Jesus! não sei como hei-de fazer o q. me pede!

Fernando.

É isto pouco, e' dizer-lhe - "Faz-me m^{to} bem" e
esta' acabado. / Ernesto apparece ao F.D. / E B. sabe

Marianna.

Para dizer a verdade, eu não gosto m^{to} d'elle p.^a meu
marido.... antes escolhia outro....

Ernestina.

Então vamos, decide-te.

Marianna.

Custa-me tanto ir desgostado.... e' um Sur. tão cortez...
depois, q. aproveita d'isto?... se elle quer mal, e se
elle ha de por fim casar com outra?... Se a menina o
amasse, lá' q. então era outro caso.

Fernando.

Ernestina / Diga-lhe q. sim, se na ella na le da' de más.

Ernestina.

E se apim fosse, decedias-te?

Marianna.

Se apim fosse....

Ernestina.

Pois se e' preciso confessar-o, sabe q. ainda o amo.

Ernesto.

Fazendo signal aos seus amigos q. se aproximam.

Não ouvem? Posso finalm.^{te} dizer q. sou feliz.

Ernestina.

O Sur. estava aqui?!

Coro.

Da preferencia aos pretendentes
 Voube o mais digno escolher,
 Por isto louvor lhe damos
 Que alem de justo, e' dever.
 Ernestina.

/ O Ernesto q.^o lhe falla baixo durante o coro. / Pois
 me' pai' e' q.^o foi q.^m me' preparou esta conspiração?...
 Hei-de ralthar com elle... e dar-lhe um abraço ao
 mesmo tempo.

Nicolaus.

/ Baixo a Ernestina. / No fim de contas, menina,
 diga lá o q.^o dizer e' um excellente moço.

Ernestina.

/ Horruido. / Sem razão, eu e' q.^o devo emendar-me, não tor-
 nando mais a ser caprichosa com elle. — Então, Mari-
 anna, q.^o tens q.^o estás tão triste? Em q.^o scismas?

/ Marianna.

Não tenho nada... scismos q.^o trabalhei por andar a'
 cata d'um namorado, e q.^o tenho de ficar solteira q.^o é
 o peor. / O Ernesto. / O Sur. abuzou da m.^a boa fe, enga-
 nou-me.

Ernesto.

Não enganei tal, representei o papel q.^o me deviam
 até ao fim. / Das trez horas. / Plave? Das trez
 horas.

Marianna.

E' verdade... ali' th'o entrego, ~~tal qual~~, menina,
e com muito prazer, por q' enfim, sempre havia
de ter pena de deixar este pobre Fernando, q' me
estimo de veras. 4

5 Fernando.

/Simpando a testa a' manga da camisa./ Ahre!
estou ainda em suores frios!

Marianna.

Sembrese q' nao sou rica, tome sentido....

Fernando.

Epa e' boa... na me falle ca' n' estas coisas... o
seu coracao e' o dote q' eu quero.

2 Ernesto.

Nao, o seu dote fica ao meu cuidado

1 Ernestina.

E o seu enxoval ao meu.

Ernesto.

Em quanto ao fôr da vintia, meu rapaz, conta com elle.

Marianna.

/Entendendo a mão a Fernando./ Nao lhe dizia eu,
q' th'o havia d' alcançar?... /Ao Publico./

Se o permittiz vsi agora
Fazei favor de me ouvir: -
Vou-me casar sem demora,
E ao festejo ha-de ca' vir,

Que sou eu q' vos convido,
E a toda me haveis d'honrar.

Fernando.

E eu ca' q' sou o marido
Tambem vos vou convidar,
Que eu aqui por mal polido
Nunca gostei de papiar.

E a calhar-vos nas unhas.

E o padre cura embirar

Por falta de testemunhas

E o laço mal se apertar.

Côro geral.

{ Que a falta de testemunhas
Os deixara' por casar.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Fim da Comedia.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025